

MACHADO DE ASSIS NA ESCOLA: UMA PRÁTICA POSSÍVEL

Débora Bender¹
Juracy Assmann Saraiva²

RESUMO

O presente trabalho centra-se na leitura, visualizando-a, por um lado, como prática social e, por outro, como exercício crítico-interpretativo. Entretanto, essa concepção de leitura, que propõe a participação ativa do leitor na interpretação do texto literário, não é, muitas vezes, adotada na escola: observa-se que há a valorização de aspectos extrínsecos ao texto em detrimento da leitura integral da obra e da sua compreensão e interpretação. Desse modo, este trabalho aplica a Estética da Recepção ao conto machadiano *Missã do Galo* e demonstra, por meio de uma proposta de análise, que a participação efetiva do aluno na construção do texto, no caso, de um conto de Machado de Assis, é possível.

Palavras-chave: Machado de Assis. Leitura. Leitor. Estética da Recepção. Interdisciplinaridade.

1 INTRODUÇÃO

Embora a leitura seja reconhecida como prática social importante e imprescindível, verifica-se, atualmente, o insucesso da escola no que diz respeito ao processo de leitura e ao ensino de literatura. Há a valorização de aspectos extrínsecos ao texto – como a época em que o autor o produziu e as características estéticas do período – em detrimento da leitura integral da obra e da sua compreensão e interpretação. Essas práticas revelam concepções teóricas pouco inovadoras, as quais menosprezam o espaço do leitor. A leitura de textos literários deve propiciar a empatia e a identificação do leitor para que ele migre da significação textual para a descoberta de sentidos, promovendo novas maneiras de ser, de refletir sobre a realidade e de nela atuar, de modo que

¹ Mestre e Doutoranda em Processos e Manifestações Culturais, pela Universidade Feevale; professora da rede pública e da rede privada.

² Pós-Doutora em Teoria Literária pela Universidade Estadual de Campinas, Doutora em Teoria Literária pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, professora e pesquisadora da Universidade Feevale.

aprenda não só sobre o que está lendo, mas, sobretudo, sobre si mesmo. Paralelamente, a escola deve oferecer ao aluno a oportunidade de construir sua formação literária, incluindo a leitura de autores canônicos, como Machado de Assis, a partir de enfoques relevantes e interdisciplinares.

Considerando a necessidade de interferir na prática pedagógica de leitura de textos literários, o presente trabalho propõe procedimentos que estejam em sintonia com a concepção dos textos e que estabeleçam a inter-relação desses com o contexto de sua produção e recepção. Esse posicionamento fundamenta-se nos estudos da Estética da Recepção, preconizada por Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser, a qual concebe o leitor como agente da construção do texto, juntamente com o autor.

Este trabalho aplica a Estética da Recepção ao conto machadiano *Missa do Galo* e demonstra, por meio de uma proposta de análise, a participação efetiva do leitor na construção do texto. A execução das atividades parte de uma metodologia que pressupõe a motivação à leitura do texto, sua compreensão, sua interpretação e transferência para o contexto dos alunos, bem como a posterior recuperação do momento da produção do conto, sob os aspectos históricos, sociais e estéticos. Ao proceder à realização dessas etapas, o aluno estabelece ligações entre a obra e sua realidade, situando-se criticamente diante dela. Igualmente, interliga o presente ao passado, encetando um diálogo que lhe oportuniza ampliar seus conhecimentos para além do âmbito da literatura. Dessa forma, a metodologia demonstra que a leitura de textos literários, ao enfatizar a importância do leitor e ao privilegiar procedimentos interdisciplinares, pode transcender os limites da sala de aula.

2 A LITERATURA E A FUNÇÃO DO LEITOR

A partir da segunda metade do século passado, ocorre uma mudança de paradigma nos estudos da Teoria Literária. Surge a Estética da Recepção, preconizada por Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser, que atribuem ao leitor a função de compartilhar da construção do texto literário. Assim, dá-se uma modificação do ângulo de legitimação da literatura, uma vez que ele migra do texto para o leitor e, desse para o autor, buscando integrar, por vezes, distintos horizontes de expectativa.

Ao alterar o foco de legitimação da literatura, os estudiosos da Estética da Recepção repensaram o próprio conceito de literatura, repudiando análises centradas na intenção do autor, isto é, na significação ou na mensagem da obra, concedendo maior importância ao receptor, a quem cabe relacionar a compreensão do texto, que resulta de seu horizonte de expectativas com o momento de produção do autor, para articular, então, tempos distintos, por meio de um diálogo que não se esgota no ato da leitura.

Segundo Wolfgang Iser (1996), essa mudança nos estudos literários foi necessária *“porque a interpretação da literatura cada vez menos comportava o conflito de interpretações diferentes dos textos e cada vez mais era incapaz de refletir sobre eles”* (p. 7-8). O crítico enfatiza o fato de que cada receptor lê a obra a partir de suas experiências e de seu conhecimento e ressalta a necessidade de uma maior flexibilidade interpretativa, em se tratando de textos estéticos.

Também Hans Robert Jauss (1994) ressalta que a historicidade da literatura está diretamente ligada, não a fatos literários, mas à relação da obra com o leitor e no diálogo que se estabelece a partir dela: *“A história da literatura é um processo de recepção e produção estética que se realiza na atualização de textos literários por parte do leitor que os recebe, do escritor, que se faz novamente produtor, e do crítico, que sobre eles reflete”* (p. 25). O êxito desse diálogo é determinado pelo horizonte de expectativas do receptor, pois a obra literária deve despertar nele lembranças de experiências e conhecimentos prévios, conduzindo-o a *“determinada postura emocional”* que *“antecipa um horizonte geral da compreensão”* (JAUSS, 1994, p. 28).

Considerando as assertivas de Jauss e Iser, constata-se que é atribuído mais valor ao trabalho de interpretação do leitor, que também é um agente de produção do texto. O leitor *“completa as lacunas colocadas pelo texto, tornando-se coparticipante do ato de criação.”* Entretanto, não cabe somente ao leitor o preenchimento de lacunas, mas ele é *“convidado a integrar-se no processo de construção da obra, particularizando o processo de entendimento dela”* (ZILBERMAN, 2001, p. 51).

Sob esse ângulo, Juracy Assmann Saraiva menciona três instâncias que integram o ato de recepção: texto-leitor-mundo. *“Ele exige a participação ativa do leitor que deve transitar dos princípios constitutivos próprios do texto para o contexto extra-literário; do mundo da significação*

textual, para o sentido do mundo; da leitura crítica para a avaliação estética do texto” (SARAIVA, 2006, p. 36). Nessa triangulação texto-leitor-mundo, destaca-se, pois, “o jogo” que acontece entre o autor, criador do texto, e o leitor, agente de sua recriação. Wolfgang Iser destaca que:

os autores jogam com os leitores e o texto é o campo do jogo. O próprio texto é o resultado de um ato intencional pelo qual um autor se refere e intervém um mundo existente, mas, conquanto o ato seja intencional, visa a algo que ainda não é acessível à consciência. Assim o texto é composto por um mundo que ainda há de ser identificado e que ainda há de ser esboçado de modo a incitar o leitor a imaginá-lo e, por fim, a interpretá-lo. Essa dupla operação de imaginar e interpretar faz com que o leitor se empenhe na tarefa de visualizar as muitas formas possíveis do mundo identificável, de modo que, o mundo repetido no texto começa a sofrer modificações (ISER, 2002, p. 107).

Marisa Lajolo compara a relação leitor-escritor a “*quedas-de-braço, em que às vezes ambos se confrontam*” (1997, p. 33). De um lado, há o escritor que tenta cativar seus leitores e obter sua aprovação; do outro, existe o leitor que espera o atendimento de suas expectativas em relação ao texto. Assim, o sucesso de um texto depende da capacidade de previsão de seu autor, ou seja, “*o escritor interessado em seduzir o outro tem de construir hipóteses relativas ao leitor que deseja seduzir*” (LAJOLO, 1997, p. 38). Se essa sedução acontecer, haverá a identificação e a empatia do leitor diante do texto.

Saraiva (2004) afirma que há empatia do leitor em relação aos contos machadianos e que esta se explica devido à sua importância durante a leitura. O leitor se sente desafiado a recriar sentidos e significações, tornando-se ativo na construção do texto e renovando o prazer da leitura diante das várias “possibilidades interpretativas”.

Considerando-se o exposto acima, pode-se observar que as narrativas de Machado de Assis são propícias à aplicação desse referencial teórico, pois convocam constantemente o leitor, desafiando-o a participar da construção do texto literário. Dessa maneira, justifica-se a escolha do conto machadiano *Missa do Galo* para a elaboração de uma proposta de análise para alunos de Ensino Médio.

3 MISSA DO GALO: UMA PROPOSTA PARA A SALA DE AULA

A partir da constatação da necessidade de interferir na prática pedagógica de leitura de textos literários, este trabalho apresenta uma proposta de análise do conto *Missa do Galo*, de Machado de Assis, para alunos do Ensino Médio. Para proceder à leitura do conto, propõe-se um roteiro de análise dividido em três etapas: atividade introdutória à recepção do texto, leitura compreensiva e interpretativa do texto literário e transferência e aplicação da leitura³. A primeira etapa tem como objetivo motivar o aluno para a leitura, despertando a sua curiosidade em relação ao texto. Igualmente, oportuniza ao aluno levantar hipóteses acerca de elementos da narrativa, aspectos do enredo e das personagens. A leitura compreensiva e interpretativa objetiva a construção do texto pelo leitor por meio do “preenchimento de suas lacunas”, ou seja, estimula o aluno a depreender sentidos e atribuir significados aos implícitos do texto. A última etapa consiste na reflexão do aluno sobre as informações recebidas e mobiliza-o para ampliar os sentidos do texto e seu conhecimento e visão de mundo.

O conto *Missa do Galo* foi originalmente publicado na *Gazeta de Notícias* em 12 de maio de 1894; mais tarde, na obra *Páginas recolhidas*, de 1899. Uma “estranha conversa” entre um adolescente de 17 anos, Nogueira, e uma mulher de 30, Conceição, é o núcleo da história em *Missa do Galo*. O rapaz, natural de Mangaratiba, é estudante e hóspede do casal Meneses e Conceição. Na noite que antecede o Natal de 1861 ou 1862 – o narrador não lembra mais –, Nogueira já poderia estar de férias, mas fica no Rio de Janeiro, a fim de assistir à Missa do Galo na Corte. Ele espera a meia-noite chegar para ir à igreja com um amigo, mas, antes disso, é surpreendido, na sala, pela esposa de Meneses que ele acreditava estar dormindo. As atitudes da anfitriã e sua conversação causam uma impressão profunda em Nogueira que recupera o episódio em seu relato, anos mais tarde.

Como atividade introdutória à leitura do conto, sugere-se que os alunos tentem se lembrar de uma situação constrangedora, em que não sabiam, ao certo, o que dizer e o que fazer. Após alguns minutos de reflexão, as experiências são compartilhadas com os colegas por meio de relatos

³ A estrutura de análise de texto literário aqui apresentada é baseada na proposta do livro de Juracy Assmann Saraiva e Ernani Mügge: **Literatura na escola**: propostas para o Ensino Fundamental. Porto Alegre: Artmed, 2006.

rápidos. Essa atividade provoca a curiosidade nos alunos, promovendo também a possibilidade de estabelecerem relações com situações pessoais.

Após a atividade introdutória, os alunos procedem à leitura integral e individual do conto, podendo já assinalar e destacar aspectos que julgarem relevantes para a compreensão do texto. Em seguida, sugere-se buscar a correlação das situações relatadas pelos alunos com a que ocorre no conto, para verificar algumas semelhanças.

Na etapa de leitura compreensiva e interpretativa, propõe-se, como próxima atividade, o preenchimento de lacunas de um resumo acerca do contexto da história. Dessa maneira, o aluno recupera o enredo da narrativa, o que o auxiliará a compreender e a interpretar o texto. Trata-se de uma leitura seletiva, em que o leitor identifica os aspectos solicitados, construindo a sequência da história.

Como já mencionado anteriormente, o conto relata um fato ocorrido há muitos anos: “Nunca pude entender a conversação que tive com uma senhora, há muitos anos, contava eu dezessete, ela trinta”⁴. Esse detalhe é relevante para que o aluno distinga o protagonista da história em relação ao narrador, para perceber que, com os passar dos anos, há muitas diferenças entre eles, as quais interferem distintamente na percepção do ocorrido e, conseqüentemente, na narração. Para que o aluno atente a esse fato e o leve em consideração para estabelecer a diferença entre o tempo da história que é contada e o tempo da narração, propõe-se que ele assinale, com cores diferentes, três passagens que explicitam o tempo da história que é contada e duas passagens que se referem ao tempo da narração.

O protagonista é retratado no conto como um adolescente ingênuo e inseguro, diferentemente do narrador, que, mais maduro, alguns anos depois, narra o fato e sugere alguns detalhes que só fazem sentido para ele após seu amadurecimento. Embora afirme que nunca compreendera a conversação, o narrador dá pistas ao leitor para que ele apreenda fatos implícitos ao relatado. Segundo Ana Maria Lisboa de Mello e Juracy Assmann Saraiva (1989), o estabelecimento de hipóteses interpretativas decorre não só do que está sendo dito, mas também

⁴ MACHADO DE ASSIS. *Missa do Galo*. In: GLEDSON, John (Org.). **Machado de Assis: Contos: uma antologia**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1998, v. 2, p. 386. Como todas as referências ao conto *Missa do Galo* remetem a essa mesma obra, ela deixará de ser nomeada, indicando-se apenas a página no corpo do texto.

do modo como está sendo dito. O narrador-protagonista, Nogueira, narra o episódio a partir de sua ótica. Na época do acontecido, ele tinha apenas 17 anos e, provavelmente, não entendera a conversa. No entanto, é Nogueira adulto que narra o conto, já um homem maduro e não mais ingênuo. Dessa maneira, o narrador tem condições de perceber os implícitos da conversa com Conceição, mas prefere transmitir a impressão que teve na época, jogando com um duplo ângulo avaliativo:

duas são, conseqüentemente, as linhas de avaliação, que ora se distinguem, ora se mesclam: quando busca a proximidade dos fatos, a visão do narrador atém-se à do adolescente, submisso à máscara das palavras e dos atos; distanciada dos fatos, a perspectiva do adulto mantém em suspenso o juízo, enfatizando-se a ambigüidade, implícita ao projeto da escrita do sujeito comunicador (MELLO; SARAIVA, 1989, p. 86).

Para refletir a respeito das características do narrador-personagem na época em que acontece a história, apresentam-se algumas atividades que visam traçar o perfil do protagonista adolescente, confrontando-o com o narrador, que relata o acontecimento alguns anos depois. A primeira atividade se refere à atribuição de adjetivos a Nogueira – tímido, extrovertido, inseguro, seguro, introvertido e confiante – devendo o aluno apontar aqueles que melhor o retratam. Após escolher algumas características para a personagem, o aluno deve justificar suas escolhas com passagens do texto, identificando, assim, elementos que instituem a personalidade de Nogueira. Posteriormente, o aluno deve expressar, por meio de uma frase, a diferença entre o Nogueira de dezessete anos e o Nogueira narrador.

O espaço também é importante na determinação de atributos da personagem principal: Nogueira sai de Mangaratiba para estudar no Rio de Janeiro, o que representa uma grande mudança de realidade social e cultural. No conto, o jovem decide adiar a sua volta a Mangaratiba devido ao desejo de participar da Missa do Galo na Corte em que há *“mais luxo e mais gente também”* (p. 389), diferente das missas da roça. O fato de Nogueira ter origem interiorana reforça a sua ingenuidade na medida em que ele parece ainda desconhecer o funcionamento de uma grande cidade e os hábitos de seus moradores. A partir disso, sugere-se que os alunos destaquem características que opõem as duas cidades e descrevam de que modo elas interferem no

comportamento do protagonista. Para que haja uma maior compreensão do contexto da história, recomenda-se a pesquisa de aspectos sociais, históricos e culturais do período em questão.

O tipo de leitura escolhido por Nogueira também comprova a sua ingenuidade na época da adolescência: o jovem lê o romance *Os três mosqueteiros*, de Alexandre Dumas, o que influencia sua percepção frente aos acontecimentos. Conforme Mello e Saraiva, o protagonista vivencia “*a embriaguez das ficções*” e “*abstrai-se do real*”, fazendo com que a figura de Conceição assuma, nas próprias palavras do narrador, o “*ar de visão romântica*” (p. 388), “*equivalente a do livro de aventuras, rompendo com a configuração, única e homogênea, com que ele se familiarizara até então*” (MELLO; SARAIVA, 1989, p. 85).

O gosto pelos romances é comum aos dois protagonistas: Conceição aprecia o romance *A moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo. Também nesse caso, a leitura é um qualificativo da personagem, visto que Conceição, assim como as jovens sinhazinhas do romance de Macedo, vive de aparências, mostrando-se submissa ao marido. Para explorar esse aspecto do conto, propõe-se que os alunos confrontem as duas leituras indicadas pelas personagens e pesquisem sobre elas, relatando o que pode significar, na construção da compreensão do texto, o gosto literário das personagens, enfocando, assim, valores estéticos da época da produção do conto.

A ingenuidade de Nogueira influencia o seu modo de julgar e de avaliar as outras personagens. Logo de início, o narrador apresenta Conceição, que é considerada, por Nogueira, uma “santa”, pois é simpática, bondosa, além de suportar a traição do marido. Meneses, por sua vez, é mostrado como um marido inescrupuloso que trai a mulher, tendo até um dia fixo por semana para encontrar a amante, sob o pretexto de ir ao teatro. A fim de que os alunos percebam a influência da perspectiva de Nogueira na caracterização das personagens, propõe-se que eles selecionem palavras que, do ponto de vista dele, determinam o caráter das personagens em questão.

Também é importante para a significação do texto a crítica de Conceição aos quadros expostos na sala. Para a personagem, eles não são adequados para uma casa de família; ela preferia que, na sala, fossem colocadas imagens de santas, o que seria mais próprio. A passagem a seguir revela uma artimanha, usada por Conceição para reforçar sua “santidade” e não levantar suspeitas

contra ela: *“Bonitos são; mas estão manchados. E depois francamente, eu preferia duas imagens, duas santas. Estas são mais próprias para sala de rapaz ou de barbeiro”* (p. 392). Na análise proposta, os alunos são desafiados a pensar sobre o propósito da afirmação de Conceição, por meio de uma comparação entre os quadros existentes na sala da casa e os quadros almejados pela senhora. A partir dessa comparação, motivos são relacionados pelos alunos para justificar a preferência de Conceição pelos quadros de santas.

O leitor recebe mais uma informação que põe em dúvida a “santidade” de Conceição. Pouco depois da morte do marido por apoplexia, a senhora casa-se com o escrevente juramentado do falecido.

Pelo Ano-Bom fui para Mangaratiba. Quando tornei ao Rio de Janeiro, em março, o escrivão tinha morrido de apoplexia. Conceição morava no Engenho Novo, mas nem a visitei nem a encontrei. Ouvi mais tarde que casara com o escrevente juramentado do marido (p. 393).

A revelação do casamento apressado insinua que a dama não só era traída, mas também traía, razão por que aceitava passivamente o adultério do marido. A traição por parte de Conceição pode ser inferida também durante a narrativa através de alguns detalhes que o texto propõe. Primeiramente, o narrador revela que a porta principal da casa, por onde Meneses saíra e por onde haveria de sair Nogueira, tem três chaves: *“Tinha três chaves a porta; uma estava com o escrivão, eu levaria outra, a terceira ficava em casa”* (p. 387). Insinua-se, aqui, pela insistência no número três, a ideia de um triângulo amoroso a ser instalado ou já existente.

Outro elemento intrigante é o fato de Conceição levantar no meio da noite, alegando ter “acordado por acordar”, apesar de seu rosto não demonstrar nenhum sinal de que já tivesse dormido: *“Fitei-a um pouco e duvidei da afirmativa. Os olhos não eram de pessoa que acabasse de dormir; pareciam não ter ainda pegado no sono”* (p. 388). Em outro trecho, porém, a protagonista se contradiz, dizendo que não tinha acordado: *“– Há ocasiões em que sou como mamãe: acordando, custa-me dormir outra vez, rolo na cama, à toa, levanto-me, acendo vela, passeio, torno a deitar-me, e nada. – Foi o que lhe aconteceu hoje. – Não, não, atalhou ela”* (p. 391). Além disso, Conceição parece ter a intenção de chamar a atenção do rapaz totalmente para si e não o deixa sozinho em nenhum instante. Levando-se em conta todos esses aspectos e também o casamento

repentino da protagonista após a morte do marido, pode-se levantar a hipótese de que a protagonista marcara um encontro com o amante e temia que Nogueira descobrisse a sua traição, pela chegada desse.

A fim de provocar a reflexão acerca da traição de Conceição, propõe-se que os alunos discutam a contradição em que a senhora cai ao afirmar primeiramente que tem um sono leve e depois negar que tivesse acordado por algum barulho que Nogueira pudesse ter feito. A partir disso, espera-se que os alunos criem uma hipótese para o fato de Conceição ainda estar acordada àquela hora, estabelecendo relações com o número de chaves da casa e a serventia de cada uma delas. Esses dois fatos devem ser ainda relacionados ao casamento apressado da viúva de Meneses. Dessa forma, supõe-se que os alunos cheguem à conclusão de que um triângulo amoroso pode estar implícito nessa narrativa, ou seja, de que Conceição também traía Meneses. Ao chegar a essa compreensão, o aluno será confrontado com uma forte crítica à sociedade da época, ou seja, à sociedade em que as normas morais eram obedecidas nas aparências, aspecto implícito ao conto.

Portanto, Machado de Assis concebe, nesse conto, a representação de um leitor que precisa estar atento aos detalhes para que possa abstrair vários sentidos para certas passagens. Ele é convidado a preencher lacunas que podem levá-lo a construir a segunda história, ou seja, a história que se esconde, na narrativa, por detrás da que é visível. Dessa forma, podem ser diferenciadas duas histórias: a primeira – a conversa entre Nogueira e Conceição –, e a segunda, em que as motivações para o comportamento de Conceição são sugeridas, mas não declaradas. As atividades acima descritas objetivam que o aluno, por meio de suas próprias reflexões e conclusões, identifique os elementos implícitos da narrativa e, por meio deles, construa a segunda história possível do conto.

Após a compreensão e a interpretação do conto, realizam-se a transferência e a aplicação da leitura. Essa última atividade se constitui em uma produção de texto em que o aluno deve transferir as ações da narrativa para o contexto atual, mantendo as personagens, mas introduzindo mudanças relacionadas aos seguintes aspectos: a casa de Meneses, o assunto da conversa entre Conceição e Nogueira, os quadros da sala; os livros que os personagens leem, o pretexto de Meneses para passar a noite fora, o motivo pelo qual Nogueira permanece no Rio de Janeiro após o

término das atividades acadêmicas, o destino de Conceição após a morte de Meneses e o comportamento de Nogueira e Conceição durante a conversa.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Missa do Galo se constitui em um texto que requer perspicácia do leitor, para o preenchimento de suas lacunas, das quais depende a significação do conto. O seu receptor tem um importante papel, pois o sentido da narrativa está nas entrelinhas e o leitor precisa participar ativamente da leitura, fazendo inferências em relação aos implícitos para construir a história secreta que ela apresenta. Dessa forma, pode-se afirmar que Machado de Assis, já no século XIX, delegava ao leitor importante papel na interpretação de suas obras, convidando-o a participar da construção de seu textos, apesar de a Estética da Recepção e a reflexão sobre a função do receptor textual só terem surgido, de modo sistemático, na década de 60 do século XX.

Portanto, a qualidade dos textos de Machado de Assis e sua importância para a formação literária dos alunos são evidentes. A presente proposta de análise de texto literário demonstra que é possível desenvolver, na escola, a leitura de Machado de Assis sob o enfoque relevante da Estética da Recepção, que pressupõe a participação efetiva do aluno na compreensão, na interpretação e, finalmente, na construção do texto literário, estabelecendo ligações entre o texto lido e sua realidade, situando-se criticamente diante dela. Essa abordagem permite, também, que o aluno reflita sobre importância de seu papel de leitor durante a leitura e transfira a compreensão do texto para seu próprio contexto, estabelecendo, igualmente, relações interdisciplinares e transcendendo os limites da sala de aula.

REFERÊNCIAS

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura**: uma teoria do efeito estético. São Paulo: Editora 34, 1996.

_____. O jogo do texto. In: JAUSS, Hans Robert et al. **A literatura e o leitor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002, p. 105-119.

JAUSS, Hans Robert. **A História da literatura como provocação à teoria literária**. São Paulo: Ática, 1994.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1997.

MACHADO DE ASSIS. Missa do Galo. In: GLEDSON, John (Org.). **Machado de Assis**: Contos: uma antologia. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1998, v. 2, p. 386-393.

MELLO, Ana Maria Lisboa de; SARAIVA, Juracy. Variações sobre um tema de Machado. **Letras de Hoje**, Porto alegre, PUCRS, v. 24, n. 2, p. 81-101, jun. 1989.

SARAIVA, Juracy Assmann. Machado de Assis: diferentes facetas del cuentista. In: SARAIVA, Juracy; D'ANGELO, Biagio (Org.). **Papeles sueltos**: Antología de cuentos de J. M. Machado de Assis. 1. ed. Lima: Fondo Editorial UCSS, 2004, p. 07-27.

_____. Por que e como ler textos literários. In: SARAIVA, Juracy; MÜGGE, Ernani (Org.). **Literatura na escola**: propostas para o Ensino Fundamental. Porto Alegre: Artmed, 2006, p. 27-43.

ZILBERMAN, Regina. **Fim do livro, fim dos leitores?** São Paulo: SENAC São Paulo, 2001.